



Mné'ery - Xadalu Jekupé

Foto: Helio Nobre/MP.

EXPOSIÇÃO

“INDEPENDÊNCIA OU MORTE”... OU “INDEPENDÊNCIA E MORTE”?

LEILA KIYOMURA – ABCA/SP

RESUMO: O Museu Paulista da USP, mais conhecido como Museu do Ipiranga, promove a exposição “Onde há fumaça: arte e emergência climática”. Através do seu acervo em diálogo com a arte contemporânea, questiona a histórica ideia de progresso e a situação atual de emergência climática.

PALAVRAS-CHAVE: Museu do Ipiranga, Independência ou Morte, Pedro Américo, arte indígena, Paulo César Marins, Jaime Lauriano.

ABSTRACT: USP's Museu Paulista, better known as Museu do Ipiranga, promotes the exhibition “Where there is smoke: art and climate emergency”. Through its collection in dialogue with contemporary art, it questions the historical idea of progress and the current situation of climate emergency.

KEYWORDS: Ipiranga Museum, Independence or Death, Pedro Américo, indigenous art, Paulo César Marins, Jaime Lauriano.

Logo na entrada do salão, o público se depara com um quadro que remete ao célebre *Independência ou Morte*, de Pedro Américo, pintado em 1888. Mas, logo depois, vai percebendo que o altivo D. Pedro I junto aos soldados em seus cavalos não está em cena. Falta o gesto do grito do imperador com a espada no alto. Também falta o carro de boi do lado esquerdo carregado de toras, tão pouco comentado, que já evidenciava a devastação.

Além das cores da terra, tudo é diferente. As nuvens e o céu azul foram substituídos por nuvens de fumaça e as colinas ao longe foram desmatadas. A releitura de 2022, intitulada *Independência e Morte*, é de Jaime Lauriano, artista paulistano, 39 anos. Com essa paisagem da degradação ambiental, o artista abre a exposição “Onde há fumaça - arte e Emergência Climática”. Através da sua paisagem, o público interessado já é envolvido pelas reflexões da mostra. Suas obras substituem o heroísmo patriótico pela realidade do rompimento das barragens de mineração, do descaso diante dos problemas ambientais do Brasil. Interessante analisar os detalhes do



Independência ou Morte, do pintor Pedro Américo, 1888 - Acervo Museu Paulista da USP - Foto: Divulgação/MP.

quadro. Acima da tela, Lauriano traz uma série de bonecos que representam o MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, entre outros.

Com a curadoria do grupo Micrópolis, formado pelos arquitetos e pesquisadores Felipe Carnevali, Marcela Rosenberg e Vítor Lagoeiro, a exposição “Onde há fumaça - arte

e emergência climática” surpreende por trazer um diálogo inusitado entre as obras do acervo do Museu Paulista com obras de artistas contemporâneos questionando o modelo de progresso do país.

“O Museu Paulista da USP traz uma oportunidade para refletir sobre como nos relacionamos com o meio



Independência e Morte, 2022, Jaime Lauriano - Crédito: Divulgação/MP.

ambiente”, explica Paulo César Garcez Marins, historiador e diretor do Museu Paulista. “Justamente nos aponta uma situação de crise muito grave, muito acentuada, e, portanto, estar aqui no Museu Paulista com esta exposição é entender esse processo longo com grandes consequências no presente e nos convida a ter uma postura crítica

e, sobretudo, ações contundentes para mudar esse desequilíbrio com o ambiente que nos abriga.”

“A PROPOSTA É INCENTIVAR O ESPECTADOR A ESCAVAR OS DETALHES QUE ESTÃO NESSAS IMAGENS PORQUE AS IMAGENS QUE ESTÃO AQUI EXPOSTAS,

MUITAS VEZES ELAS NÃO VÃO REVELAR DE PRIMEIRA AQUELA EVIDÊNCIA DE UMA ORIGEM DA CRISE CLIMÁTICA.”

“Essa exposição nasceu de uma ideia que, na verdade, é compartilhada. É coletiva. Nós do Micrópolis, junto com a equipe de curadoria do museu, fizemos uma série de reuniões”, explica o curador Vítor Lagoeiro. “Na verdade, foi o próprio acervo do museu que nos deu a direção para chegar a esse tema de emergência climática.”

Lagoeiro conta que a equipe começou a pesquisar e selecionar as imagens que integram a exposição observando cuidadosamente a ocupação do território brasileiro. “As cenas dessas obras do acervo dão uma ideia de progresso e desenvolvimento da época, uma noção que está pautada por uma prática de degradação ambiental.” O curador chama a atenção para as imagens da monocultura, latifúndios, ancoradas pelo trabalho e mão de obra escrava. “Foi um tempo de muita devastação e degradação ambiental. Observamos

as árvores cortadas, fumaça, uma paisagem de floresta que vai ser gradativamente substituída pelo plantio de monocultura.”

Lagoeiro acentua que a proposta curatorial se baseia no exercício de um olhar mais demorado sobre

as imagens da mostra. Olhar que instiga o espectador a observar as obras do acervo e as dos artistas contemporâneos. “A proposta é incentivar o espectador a escavar os detalhes que estão nessas imagens aqui expostas. Muitas vezes elas



Vista da exposição “Onde há fumaça: arte e emergência climática” - Foto: Helio Nobre.



Paulo Garcez Marins, diretor do Museu Paulista.

não vão revelar de primeira aquela evidência de uma origem da crise climática. Mas se olhar com atenção, começa a ver no horizonte as matas queimadas, os rios sendo tamponados, a cidade se verticalizando, os animais sendo domesticados e o território sendo transformado radicalmente pela ação do homem e também pelo crescimento urbano.”

“AS OBRAS PERPASSAM O UNIVERSO DO AGRONEGÓCIO, DAS FLORESTAS DEVASTADAS, DA SECURA DOS RIOS, DO RACISMO AMBIENTAL E DA EXPLORAÇÃO DOS CORPOS...”

“Onde há fumaça - arte e emergência climática” traz uma iniciativa inusitada ao Museu Paulista, que é a de realizar uma mostra com uma curadoria externa. Com essa iniciativa, a instituição busca acolher a participação da sociedade. “Nossa meta foi abordar a memória e o patrimônio histórico

como ferramentas de diálogo com o presente. Por isso, conectar nosso acervo com questões contemporâneas, como a emergência climática, é pauta central para a instituição”, afirma Aline Montenegro Magalhães, professora e chefe da Divisão de Acervo e Curadoria. “Assim, cumprimos nosso papel de produzir conhecimento histórico e de estimular discussões que impactam diretamente a sociedade e o futuro do planeta.”

Os espectadores vão observar pinturas e fotografias de importantes artistas do País que estão no acervo do Museu Paulista, como Benedito Calixto, Alfredo Norfini e Henrique Manzo; o fotógrafo Guilherme Gaensly registrando, em 1900, as mulheres lavando roupas nos rios de São Paulo, hoje poluídos. Ou as imagens dos trabalhadores nas fazendas de café, em 1924, registradas por Theodor Preising, entre outros fotógrafos. Artistas que hoje compartilham suas imagens com os pintores, escultores, artistas da atualidade de diferentes origens, entre elas quilombolas e indígenas.



Transbordas, 2020, de Roberta Carvalho - Foto: Roberta Carvalho.

Nesse trabalho coletivo estão Alice Lara, André Vargas, Bruno Novelli, Davi de Jesus do Nascimento, Anderson Kary Bayá, Jaime Lauriano, Luana Vitra, Mabe Bethônico, Roberta Carvalho, (Se)cura humana, Uýra Sodoma e Xadalu Tupã Jekupé. Todos juntos trazendo possibilidades diferentes para pensar a história e as transformações do País e do planeta.

Para a curadora Marcela Rosenburg, os artistas contemporâneos com suas maneiras de se expressar se unem em uma única meta. “As obras perpassam o universo do agronegócio, das florestas devastadas, da seca dos rios, do racismo ambiental e da exploração dos corpos. Mas também trazem a resistência do que resta, a potência do que se imagina e a esperança do que se constrói coletivamente.”

Na avaliação do curador, Felipe Carnevali, a exposição destaca o Museu Paulista como um lugar de produção de conhecimento para além da arte e que também está no ativismo, na vida cotidiana e nas questões ambientais. “Vemos o museu como espaço de diálogo entre



Núcleo Monocultura mostra formas menos predatórias de manejo da terra - Foto: Hélio Nobre/MP.

campos do saber, por isso o desejo de trazer, junto das obras dos artistas, trabalhos que não estão no contexto artístico, mas que subvertem a própria ideia de arte quando colocados nesse lugar.”

A mostra apresenta trabalhos de pesquisadores como Ed Hawkins, cientista britânico do clima e criador das espirais climáticas e riscas de aquecimento. Traz, ainda, o ambientalista brasileiro



O público pode conhecer os diversos tipos de feijão produzidos pelas cooperativas Vale Ecológico, Coopernatural e Coopvida - Foto: Helio Nobre/MP.

Eduardo Góes Neves, muito atuante na Amazônia; e dos ativistas, projetos e movimentos sociais como Assentamento Terra Vista, Márcio Verá Mirim, Redes da Maré e Hãhmi Terra Viva.

Os curadores sugerem um percurso que foi dividido em cinco núcleos: *Monocultura*, com 24 obras do acervo histórico e três obras contemporâneas, apontando como a prática moldou o território brasileiro e estabelecendo

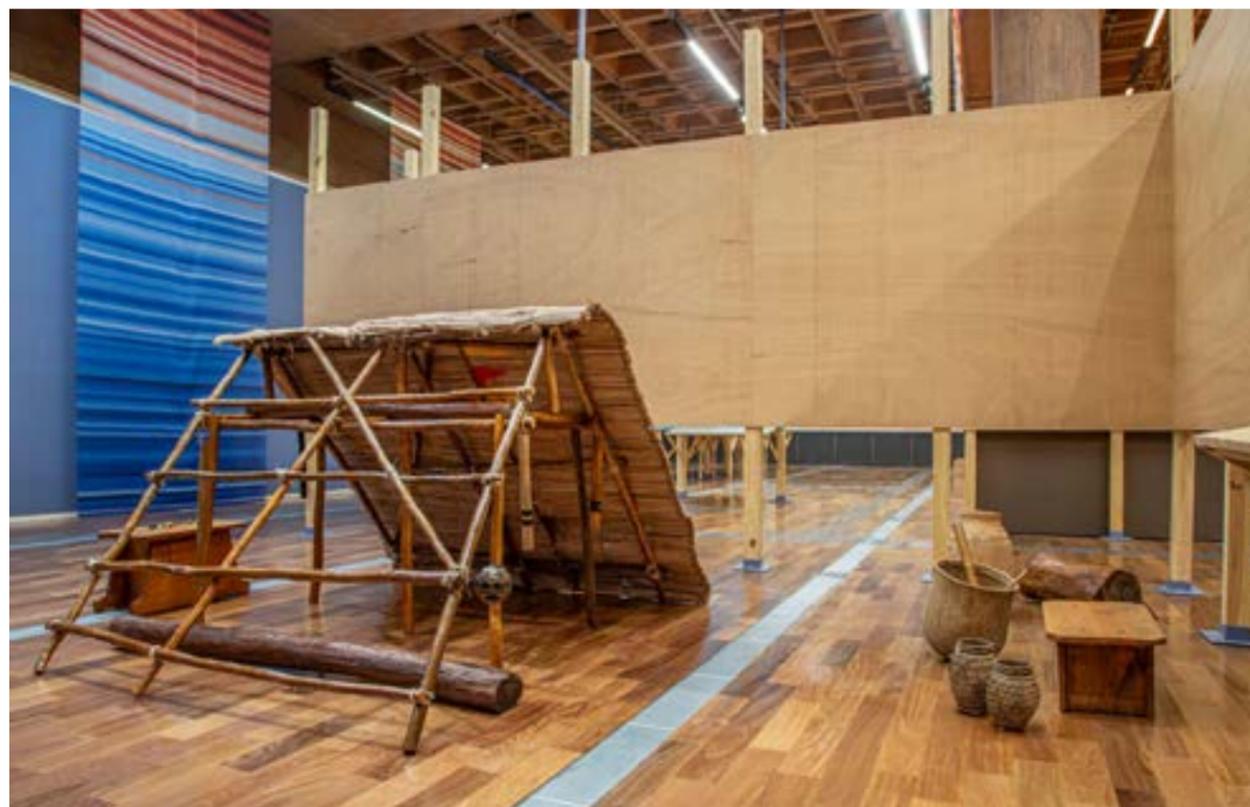
uma relação direta com a escravidão. Ao mesmo tempo, apresenta formas menos predatórias de manejo da terra aplicadas por povos indígenas e comunidades ancestrais. Com 14 obras do acervo e três contemporâneas, o núcleo “Pavimentação” traz a urbanização do território paulista e a impermeabilização do solo para refletir sobre como a cidade materializa uma ideia predatória de modernidade.

Em “Transbordamentos”, há 11 obras históricas e três contemporâneas que documentam visual e sensorialmente os efeitos do desequilíbrio climático causado pela intervenção humana nos rios, desde a impermeabilização do solo até o acúmulo de resíduos. O quarto núcleo, “Domesticação”, evidencia em 11 obras históricas e três contemporâneas a extinção de espécies. Mostra a suposta superioridade humana sobre os outros seres e aponta perspectivas da coexistência entre diferentes espécies, com foco em práticas indígenas, além do retorno dos bichos em situações sem a presença humana. O quinto e último

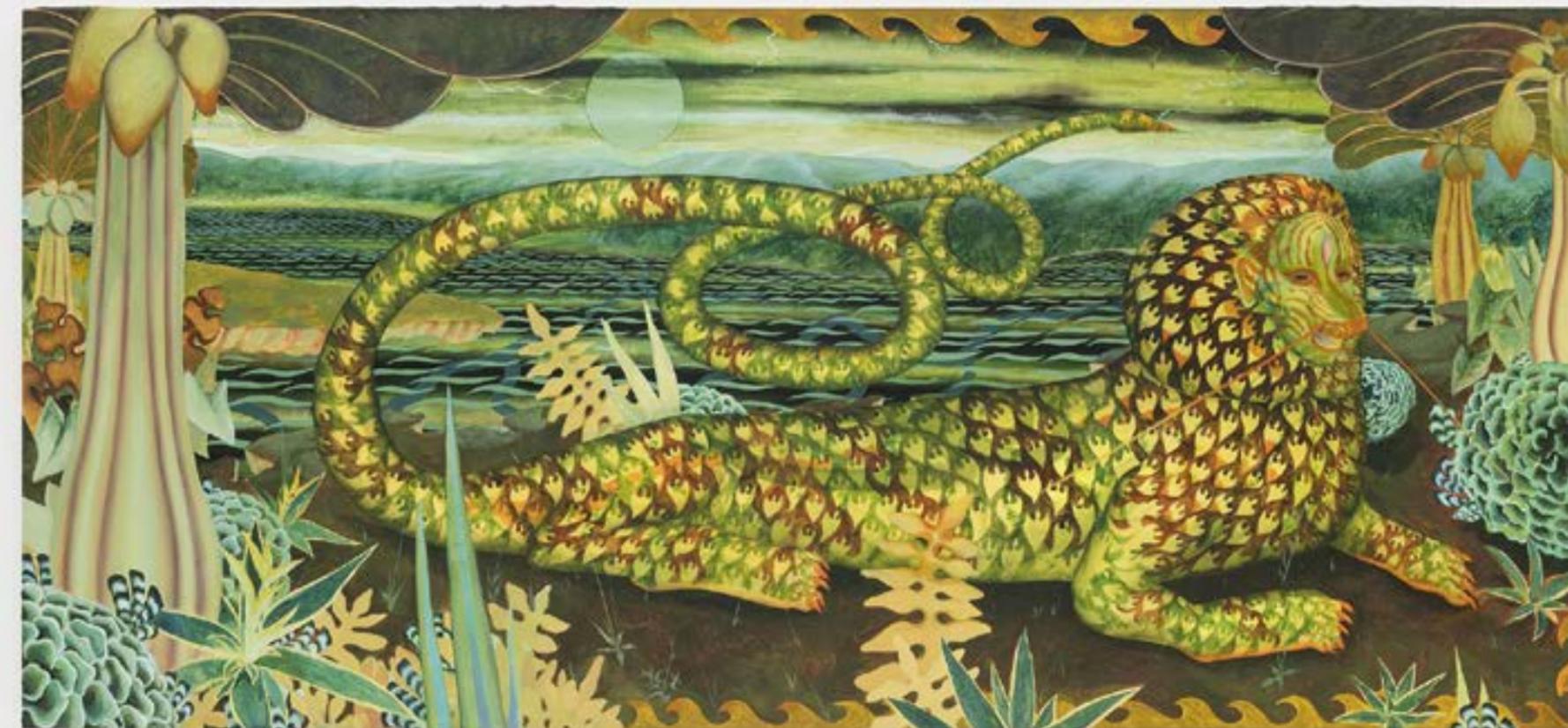
núcleo, “Força geológica”, aborda o impacto humano na transformação geológica da Terra. São dez obras históricas e quatro contemporâneas que registram atividades como mineração, desmatamento e os desastres ambientais gerados por elas. Sugerem, ainda, práticas de incentivo à biodiversidade e manejo sustentável do solo.

“Onde há fumaça - arte e emergência climática” está na Sala de Exposições Temporárias, ala oeste do piso Jardim. O Museu Paulista da USP fica na Rua dos Patriotas, 100, Ipiranga, São Paulo. De terça a domingo (incluindo feriados), das 10h às 17h (última entrada às 16h). Até 28 de fevereiro. A bilheteria está aberta a partir das 9h. Ingressos para as exposições de longa duração: R\$ 30 e R\$ 15 (meia-entrada). Gratuitades: quartas-feiras e primeiro domingo do mês, além de entrada franca para públicos específicos. Mais informações:

<https://museudoipiranga.org.br/visite/>



Maloca, Grupo de Artes Dyroá Bayá - Foto: Helio Nobre.



Daimon, 2024, de Bruno Novelli - Foto: Ding Musa.



Construção de açude - Fazenda Cachoeira - Campinas, 1921, de Alfredo Norfini - Alto relevo ou impressão tátil. Acervo Museu Paulista da USP.



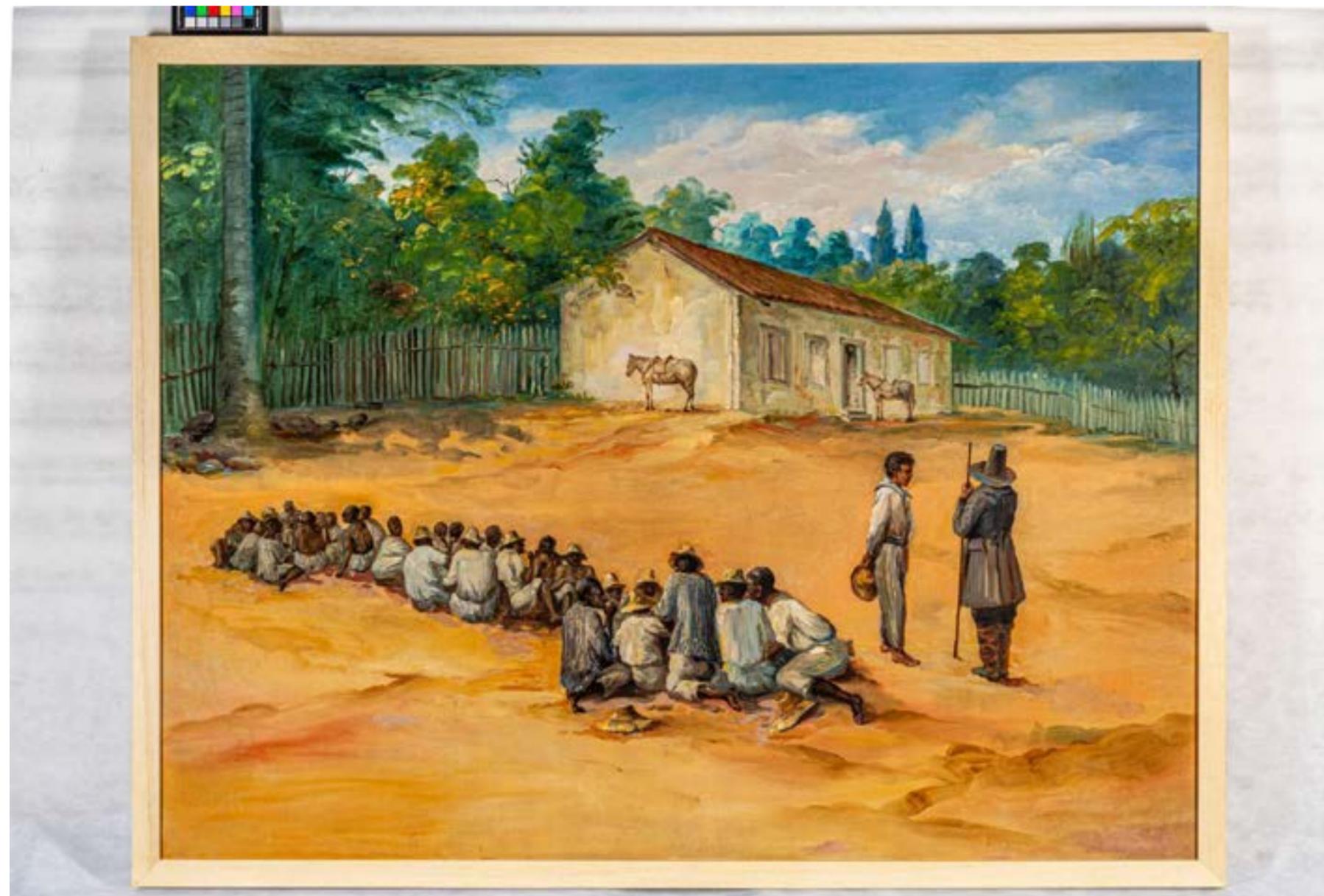
Fazendas de café, Estado de São Paulo, 1924 - Fotografia de Theodor Preising - Acervo Museu Paulista da USP.



Vistas de fazendas do café, Estado de São Paulo, 1924 - Fotografia de Theodor Preising - Acervo Museu Paulista da USP.



Lavadeiras, 1900 - Fotografia de Guilherme Gaensly - Acervo Museu Paulista da USP.



Descanso no leito - Campinas, século 20, de Henrique Távola - Óleo sobre tela. Acervo do Museu Paulista da USP (1).



Fazenda Cachoeira - Canaviais, 1840-1920, de Alfredo Norfini - Óleo sobre tela. Acervo do Museu Paulista da USP.



Fazenda Monte Alegre - Piracicaba, 1850 - Século 20, de Henrique Manzo - Óleo sobre tela. Acervo do Museu Paulista da USP.



São Paulo - Vila Guilherme, 1944, de Nair Opromolla de Araújo - Óleo sobre tela. Acervo do Museu Paulista da USP.



Uýra Sodoma em Florescer, de Uýra Sodoma, 2021 - Divulgação.

LEILA KIYOMURA

Atua como jornalista no *Jornal da Universidade de São Paulo*. Pós-graduada no Programa Interunidades da USP e curadora na Fundação Mokiti Okada nas mostras “Tikashi Fukushima: Quando os ventos sopram cores”, “O Japão nas fotos de Atílio Avancini e Joel La Laina” e a “Natureza de Evandro Carlos Jardim”. Escreveu os livros *Claudio Tozzi* (Edusp) e *Ateliês dos Artistas Contemporâneos de São Paulo* (Empresa das Artes), entre outros. Integra a Associação Brasileira de Críticos de Arte e a Associação Internacional de Críticos de Arte. É coordenadora editorial da revista *Arte & Crítica*, da ABCA.